

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
POR UMA CANÇÃO
7 de Agosto de 2021

PORTRAIT D'UNE JEUNE FILLE DE LA FIN DES ANNÉES 60 À BRUXELLES / 1993

um filme de CHANTAL AKERMAN

Realização: Chantal Akerman / **Argumento:** Chantal Akerman, Corine Bachy / **Fotografia:** Raymond Fromont / **Música Original:** Yarol Poupaud / **Montagem:** Martine Lebon / **Som:** Pierre Mertens / **Interpretação:** Circé Lethem (Michèle), Julien Rassam (Paul), Joëlle Marlier (Danielle), Cynthia Rodberg (Mireille).

Produção: IMA Productions, La Sept-Arte, SFP / **Produção:** Georges Benayoum, Paul Rozenberg / **Produção Executiva:** Marilyn Watelet, Yannick Casanova, Elisabeth Deviosse, Françoise Guglielmi / **Cópia:** do canal ARTE, em Betacam Digital, cor, falada em francês e legendada eletronicamente em português / **Duração:** 60 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** Outubro 1994 (televisão) / **Estreia Comercial:** 4 de Novembro de 1994, França / **Primeira exibição na Cinemateca:** 14 de Dezembro de 2012 ("A Cinemateca com o Doclisboa: Chantal Akerman", com **Le Marteau**, Chantal Akerman, 1986).

Portrait d'une jeune fille de la fin des années 60 à Bruxelles é apresentado com **The Pocketbook** de Billy Woodberry ("folha" distribuída em separado).

PORTRAIT D'UNE JEUNE FILLE DES ANNÉES 60 À BRUXELLES faz também parte de uma série mais vasta produzida para a televisão intitulada "Tous les garçons et les filles de leur âge". Baseada numa ideia original de Chantal Poupaud, a série envolvia nove cineastas que foram convidados a realizar filmes sobre a sua adolescência, que deveriam incluir uma sequência com uma festa que fizesse sobressair a música da sua juventude. Para lá de Akerman, outros dos realizadores convidados foram Claire Denis, André Téchiné ou Cédric Kahn.

Na sua construção de uma ficção em torno da adolescência vivida no final dos anos sessenta em Bruxelas, PORTRAIT D'UNE JEUNE FILLE... é um dos filmes mais apreciados pela própria autora, como confessará mais tarde Akerman. Um retrato que tem obviamente muito de autobiográfico no modo como Michèle (numa magnífica interpretação da jovem Circé) se relaciona com os outros; na sua ligação com a cidade de Bruxelas (que Akerman já fizera explodir em SAUTE MA VILLE, o seu primeiro filme, que data precisamente de 1968); na relação com o pai (que só vimos de relance, mas que é várias vezes referido); ou no modo como o filme aflora a questão da homossexualidade.

Afastando-se deliberadamente da forma mais rígida de alguns dos trabalhos de Akerman (PORTRAIT D'UNE JEUNE FILLE é do mesmo ano que D'EST), este é talvez um dos retratos mais harmoniosos da adolescência filmados pela cineasta, que aqui capta de modo exemplar as

frustrações, os desejos e as dúvidas de uma jovem rapariga, que procura o seu caminho num mundo em que não se encaixa. Os dilemas de Michèle estão maravilhosamente condensados na carta que escreve para a escola, que assina em nome do seu pai. Uma carta que se começa com o “Queiram desculpar a minha filha, ela não pode ir às aulas pois está com uma gripe”, depois de muitas tentativas, culmina com: “Queiram desculpar a minha filha, a Michèle morreu”. É também delicioso o seu encontro com Paul na sala de cinema, e o ritmo rápido e acutilante de toda a conversa que se segue, permanentemente à beira de se transformar num monólogo. A intensidade da relação amorosa do casal que Akerman retratou em NUIT ET JOUR (1991), e em particular da personagem de Julie, identifica-se agora plenamente com a intensidade de Michèle e com a lucidez com que fala de amor, das relações, e do desejo, na sua urgência em perceber os seus sentimentos face ao mundo e face à sua sexualidade.

Gracioso, mas grave, PORTRAIT D'UNE JEUNE FILLE revela uma harmonia nos contrários. A simplicidade une-se com uma certa teatralidade exteriorizada pelos jovens actores em diálogos muito escritos, mas com um importante fundo real. É admirável a graça que Circé coloca em frases como “adoro livros sobre a comunicabilidade...”, ou quando diz a Paul que não se deve apaixonar por ela, “porque o amor é a coisa mais deprimente do mundo”. A deambulação dos dois jovens pela cidade, acompanhados de muito perto pela câmara, trai qualquer vontade de reconstituição de uma época e revela um desejo claro de anacronismo, contrariando a precisão do título do filme. Os seus percursos inscrevem-se claramente na Bruxelas de meados dos anos noventa, revelada pelos transeuntes que afloram ou espreitam as imagens, mesmo se em breves aparições, pois a força do filme de Akerman está encerrada na sua concentração sobre a personagem de Michèle que, no seu amor secreto pela melhor amiga, tudo lhe sacrifica. Como acentuam as palavras cantadas por James Brown: "It's a man's, man's world."

Joana Ascensão